

CARNAVAIS: LINGUAGENS DA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA-BA.

Miranice Moreira da Silva¹

RESUMO

Esse artigo tem por objetivos discutir os festejos carnavalescos em Feira de Santana-Ba enquanto uma linguagem da cidade no período de 1910-1939. Pensar de que forma essas expressões podem tornar a cidade legível e de como a cidade apresenta-se enquanto um espaço de múltiplas interpretações e significados. Nessa investigação, as fontes jornalísticas do período fundamentam o trabalho: Revista Panorama da Bahia e o jornal Folha do Norte, que se apresenta como fonte, mas também pode ser encarado enquanto objeto, em alguns momentos, seus editores faziam parte da comissão organizadora dos festejos carnavalescos, oferecendo inclusive descontos para os anunciantes no jornal caso efetuassem uma colaboração para a realização do evento.

Palavras-chave: Práticas carnavalescas, civilidade e cidade.

1. INTRODUÇÃO

As cidades apresentam várias linguagens extremamente móveis, ao passo que ao analisá-las deve-se considerar essa mobilidade para não correr o risco de aprisioná-las em modelos que não correspondem às vivências e a complexidade que estão inseridas. Essas experiências são sociais e temporalmente construídas; fora de seu contexto elas perdem o sentido.

Segundo Pesavento², existem diversas formas de representar as cidades; através da literatura, imagens, músicas, oralidade e a escrita. Destaco, a partir dessa contribuição, a festa; um elemento que está inteiramente imbricado nas formas de representar as cidades. Os festejos acabam envolvendo os elementos apresentados por Pesavento³, a música parte constituinte da festa, as imagens que são construídas do festejo, acabam fundamentado ideias dessas práticas, que para além de uma projeção iconográfica, constitui memórias que estarão presentes na oralidade e na produção escrita.

Sob essa perspectiva de pensar as linguagens urbanas, a festa apresenta-se como uma possibilidade de compreensão da cidade de Feira de Santana nos primeiros anos do século XX. Contudo, esse artigo faz parte de um projeto maior, que consiste em pensar os festejos carnavalescos em Feira de Santana e seus significados no período de 1891-1939. Nesse momento voltarei às atenções para pensá-la enquanto um espaço de sociabilidade e a apropriação dos espaços por seus sujeitos.

Como bem sinalizou Santana⁴, as festas constituem um ponto de encontro entre as mais diversas pessoas. Esses indivíduos ocupam a festas e a significam de forma bastante particular, isso porque eles não se despem das suas vivências, dos seus hábitos, para vestir as fantasias. Essas fantasias são construídas com base nos costumes e conflitos. As experiências estão o tempo todo nos espaços das festas. Nesse ambiente festivo ocorrem batalhas e confraternizações, guerras não apenas no sentido momesco de serpentinas e águas cheirosa (carnaval) ou pútrida (entrudo), mas também em relação à forma de pensar uma cidade e um modo de festejar ideal.

Para pensar teórica e metodologicamente essa temática a contribuição de Roger Chartier é valiosa. Ao discutir representações, afirma que estas são determinadas pelos interesses envolvidos no processo de representação, apropriação e prática e afirma que as lutas de representações são importantes para se entender um contexto. E para pensar os carnavais esses conceitos instrumentalizam de forma mais eficiente a leitura do objeto.

Carlo Guinzburg⁵ no seu trabalho *Olhos de Madeira* contribui ao pensar as representações como a manifestação do ideal e pensar os rituais e seus significados. As festas carnavalescas feirenses não são cópias das demais cidades e que cada prática revela uma dentre tantas faces de um lugar. É nesse aspecto que Sandra Pesavento⁶ corrobora com essa análise, pois defende a ideia de que não existe uma cidade e sim cidades plurais, imaginadas e inventadas e que elas todas convivem e convergem em práticas. A cidade apresenta-se como um fenômeno cultural atrelado aos significados.

Ao pensar a estrutura da festa, os cortejos, Robert Darnton⁷ no artigo “Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto” ajuda a pensar as fontes, pois chama atenção para se pensar os modos de escrever, a construção do texto e o que é descrito. Além dessa contribuição metodológica, ajuda a refletir os lugares ocupados nos desfiles carnavalescos como indícios dos papéis sociais ocupados na festa. No seu artigo “O grande massacre de gatos”⁸ também pensa a cultura como uma rede de significados que podem ser lidos, retomando Geertz.

Da Matta⁹ contribui com *Carnaval, malandros e heróis* ao discutir os espaços da festa, e os significados de cada um deles. Contudo pensa a festa como uma inversão social e total. É nesse aspecto que estabeleço um contraponto a essa discussão de Da Matta¹⁰ a partir da proposta de Natalie Davis¹¹ em seu texto “As Mulheres por cima”. Davis problematiza as inversões de papéis no carnaval e percebe as limitações dessas inversões simbólicas, questiona quais as reais funções gerais das inversões festivas.

Apresenta a música como um importante indicador das transformações e as disputas dentro da festa.

O texto dedica-se a pensar a mobilidade dos sujeitos no espaço da festa e como as práticas do entrudo, carnaval e micareta estão envolvidas com fronteiras muito frágeis e móveis, pois elas são práticas que interagem entre si.

2. O VAI E VEM DOS CARNAVAIS.

As apropriações dos espaços e dos significados na festa apontam para uma divisão de tais festejos. É possível identificar em Feira de Santana a princípio três práticas carnavalescas. A primeira são os bailes ocorridos nos espaços das filarmônicas. Essa modalidade apresentava-se enquanto adequado para brincar os dias de Momo. Em segundo os clubes carnavalescos, espécie de associação de grupos da classe média, que apesar de ocupar as ruas da cidade não estavam excluídos dos espaços dos bailes.

Em terceiro, e por hora última categoria, os cordões. Funcionavam como uma estrutura organizada, porém não tão burocratizada quanto aos clubes. Apresentavam um caráter mais popular, se é que assim pode-se denominar. O interessante é que essas “classificações” não permitem criar fronteiras rígidas entre elas, pois as fontes indicam uma aproximação entre esses grupos.

O cordão das “Melindrosas” é um dos exemplos dessa dualidade. A Revista *Panorama da Bahia*, ao confeccionar um caderno comemorativo sobre os 50 anos de Micareta, dá indícios de um movimento pendular:

A primeira marchinha da Mi-carême, que foi feita para as “Melindrosas” (...) foi composta pelo maestro Estevam Moura, ‘Jazz-band’, que tanto animou os bailes da Mi-carême da “25 de Março”. Segundo ‘Mané de Emília’, as partituras foram extraviadas, inclusive as últimas que se encontravam em poder de ‘Tuto’, que também é um músico.¹²

Trata-se de uma entrevista com “Mané de Emília”, um saxofonista que tocava na Filarmônica Euterpe Feirense, “*mas aos poucos eu fui perdendo os dentes, por falta de tratamento, e em 31 tive que parar definitivamente, pois já precisava de uma dentadura e não tinha condições financeiras para comprá-la*”¹³. O espaço da filarmônica abrigava músicos das camadas populares, que tinha na filarmônica o lugar

do trabalho, do cantar e tocar pela sobrevivência, e o fato de ser um funcionário de determinada agremiação, não o impediria de estar em outros espaços enquanto foliões.

Mané de Emília é um exemplo de esse movimento oscilante assim como o músico “Tuta” músico da Filarmônica 25 de Março e fundador do cordão das Melindrosas. Se as relações carnavalescas fossem tão estáticas, o mais lógico seria que eles fizessem parte única e exclusivamente dos cordões carnavalescos, porém ele está presente na categoria mais “civilizada” do festejo, nos bailes da Filarmônica Euterpe Feirense. É pertinente a partir de então, pensar o movimento pendural; um sujeito pobre que ocupa um dos espaços elitizados da festa e compõem uma música para um grupo composto em sua maioria por mulheres negras e lavadeiras do bairro carente do Tanque da Nação. A ligação com a Filarmônica era pautada no trabalho, a festa simbolizava para ele também uma forma de sobrevivência.

No mesmo espaço podem-se identificar duas apropriações da festa, o trabalho e o lazer. Essa relação também é explorada por Charles D’Almeida Santana¹⁴ quando analisa as apropriações carnavalescas de seus sujeitos migrantes do recôncavo baiano para Salvador entre as décadas de 1960 e 1980. Esse estudo contribui para pensar as multiplicidades de se pensar os festejos e como eles são construídos na memória das pessoas e o mais importante, o movimento entre vários espaços festivos.

Em Feira de Santana as festas carnavalescas são noticiadas em três categorias que se apresentam a priori como diferentes e até mesmo opostas, são elas: Entrudo, Carnaval e Micareta. Maria Clementina em seu livro *Ecos da Folia* afirma que até meados do século XIX não existia uma distinção entre a prática do Entrudo e do Carnaval. A partir dos ideais de civilidade e modernidade construiu-se o discurso criaram um ideal de cidade e inclusive promoveram a oposição entre o Carnaval e o Entrudo, respectivamente “civilizado” e “bárbaro”.

Pereira, ao analisar a presença das mulheres no carnaval carioca aponta para a preocupação de extinguir o Entrudo: “*os desfiles pretendiam abolir o entrudo e outras práticas difundidas entre a população desde os tempos coloniais, substituindo-os por formas de diversão que consideravam mais civilizadas*”¹⁵.

Em Feira de Santana esse processo ocorre de forma mais lenta e algumas práticas do Entrudo, que segundo os estudiosos de carnaval teria sido extinto ainda no século XIX, adentra pelo século XX. Em 1910 o jornal *Folha do Norte* dedica uma reportagem de capa ainda no mês de janeiro, 30 dias para antes do festejo, uma denúncia da prática do entrudo:

Feira, que é já uma cidade adestrada e que muito merecidamente gosa dos foros de civilidade deve abolir por uma vez esta velha, arcaica e perniciosa diversão. Substituindo-a pelos vários entretenimentos do carnaval, cujas festas traduzindo o prazer e a alegria constituem hoje o chic das cidades mais cultas, mais civilizadas do mundo, onde a graça e a pilheira, o belo e o agradável fizeram desaparecer para sempre as grosseiras laranjinhas e as estúpida seringa¹⁶.

O desejo defendido pelo jornal - que está totalmente inserido na teia de relações políticas e um eficiente formador de opinião e memória - é um projeto pensado de civilidade para as cidades, que tomavam a realidade europeia como o modelo ideal. Porém, a sua aplicabilidade em Feira de Santana encontra entraves que dificultaram a sua execução.

Com isso não quero afirmar que existisse em Feira e nos outros lugares uma organização formal que articulou uma resistência, e sim que as próprias práticas de festejar resistiam porque essa proposta “civilizada” de carnaval não era significativa. Isso é o que Chartier chama de disputa de representações. Elas são concebidas do ponto de vista ideal e o seu objetivo é materializá-las através das práticas. Esse é um dos papéis assumidos pelo jornal *Folha do Norte*; ele apropria-se de uma ideia de carnaval para opor aos comportamentos indesejáveis.

A notícia anterior foi apresentada um mês antes dos festejos carnavalescos. Durante os festejos o *Folha do Norte* as notícias passam a ser exclusivamente sobre o carnaval “civilizado”. A partir desse momento é como se o Entrudo tivesse sido superado e não representasse o problema antes citado. No período nada que desagradasse ao ideal civilizador era citado nos jornais, pelo contrário, existia uma tendência em homogeneizar o festejo. Em 1923 o mesmo jornal noticiava “*Momo passou ao largo. E a cidade viveu os três dias da troca e da folia no rame-ram de uma placidez inalterável*”¹⁷.

Essa ideia de festejo “normatizado” é uma característica do jornal, porém em alguns momentos, como o citado anteriormente ao denunciar o Entrudo, acabam contradizendo essa “placidez inalterável”. Outra ideia que o veículo de informação tenta implementar é a de uma harmonia quando afirma que é um momento de troca e alegria. Essa leitura acaba por silenciar os conflitos e as desigualdades na forma de festejar. Esse pensamento é fundamentado por um dos significados do carnaval, que é o

momento de inversão social, um hiato durante o ano onde tudo é permitido e os problemas esquecidos.

Porém não se pode pensar o carnaval dissociado das relações e conflitos da cidade. Natali Davis¹⁸ no texto “As mulheres por cima”, ao trata dos papéis e lugares sociais investidos, cita essa ideia de quebra dos paradigmas durante as festas carnavalescas, porém atenta para os limites dessa inversão simbólica, afirma que um mundo de cabeça para baixo apresenta configurações, porém não as transforma¹⁹. É nesse sentido que pensar os carnavais separados de uma estrutura maior impossibilita pensá-lo de forma plural e contraditória.

Com o objetivo de instituir um modelo comparativo “adequado”, na perspectiva do grupo aqui representado pelo jornal *Folha do Norte*, lança-se mão do apelo ao aparato público na defesa da ordem: “*assim, pois confiando que se não façam demorar medidas repressoras para o caso, igualmente nos dirigiremos aos pais de família, que devem quanto antes ir afastando os seus filhos desses inveterados e prejudiciais costumes*”²⁰. Apesar dos festejos carnavalescos não serem institucionalizados, ou seja, nesse período a festa não era de responsabilidade da prefeitura, isso só ocorreu em 1968 no governo de João Durval Carneiro. Mesmo assim, a interferência do poder público era possível, pois a festa teria também um papel educador. O carnaval, mesmo sob um forte discurso de liberdade, deveria seguir uma ordem, como o próprio jornal diz uma população “adestrada”.

A sugestão de qual atitude deveria ser tomada no caso feirense veio da referência maior, o Rio de Janeiro.

Carnaval no Rio... Não é muito alegre para os vagabundos. Amanhã, pleno carnaval. Lembram-se disto com tristeza, os vagabundos cariocas, a esta hora trancafiados pela polícia do Sr. Aurelino Leal, segundo narra um despacho da Agencia americana: Rio 14 - A polícia começou a limpar o Distrito Federal, prendendo os vagabundos, desordeiros e gatunos, como elemento perigoso que são durante o carnaval.²¹

Mesmo não se referindo a Feira de Santana, essa reprodução de notícias da capital do país não é sem razão. Acaba dizendo de forma indireta que se Feira de Santana quisesse ser “civilizada” e retirar do festejo os sujeitos indesejáveis deveria agir como o Rio de Janeiro.

A partir dessa análise, chega-se a uma primeira dedução: não ocorreu em Feira de Santana uma sucessão entre Entrudo e Carnaval, eles não constituem festas separadas, não sendo possível até o presente momento da pesquisa, determinar o fim do Entrudo e o início do Carnaval. O que é perceptível é uma ressignificação de práticas e que existindo um discurso que objetiva separá-los, quanto ao Carnaval é possível detectar as fronteiras, porém sua aplicabilidade apresenta-se muito frágil.

Essa amálgama carnavalesca passou a partir da década de 1930 a ser noticiada em um contexto de “crise” do carnaval feirense. A referida crise, segundo Helder Alencar²² estaria ligada à construção da Rodovia 324, que ligam as cidades de Feira de Santana e Salvador. Porém, não é seguro afirmar que a construção de uma rodovia esvaziaria uma cidade a ponto de não existir o Carnaval, pois a criação de infra-estruturas para locomoção significa circulação.

Foi nesse contexto de “crise” que a Micareta (Mi-carême) surgiu. Essa é uma modalidade de carnaval fora de época *“organizados por Cel. Heráclito de Carvalho (Prefeito de feira de Santana) como presidente. Comissão executiva: Oscar Erudilho, Hermógenes Santana, Álvaro Moura Carneiro, Rodolfo Balalai, Pedro Matos e Vitor Santana”*²³. O envolvimento do prefeito da cidade aponta para a discussão de uma modalidade carnavalesca pensada por grupos privilegiados da cidade.

Criada em 1937, a Micareta seria a solução para a “crise” carnavalesca, porém o Carnaval persistia, logo cabe aqui perguntar, qual carnaval entra em crise? O fato do surgimento da rodovia não seria suficiente para eliminar a festa, alguns grupos ou a maioria deles permanecia na cidade e estes praticavam os festejos. O indicio para essa afirmação está no fato de que até 1939 apareciam notícias sobre o Carnaval concomitante a Micareta. O que ocorre é que essas práticas talvez não estivessem associadas ao Carnaval “civilizado”. Então é possível que essa “crise” estivesse ligada ao esvaziamento dos grupos promotores dessa modalidade.

O nosso carnaval não conseguiu satisfazer. Ele apenas esboçou o entusiasmo para a Mi-carême e esta sim promete abafos (...) a comissão da Mi-carême, conjuntamente com o governo da cidade estão empenhados em proporcionar ao povo um espetáculo digno dos forros de civilidade dessa terra maravilhosa²⁴.

A presença do carnaval a partir de 1937 passa a não satisfazer a um grupo, nesse ponto talvez esteja à resposta da suposta “crise” carnavalesca. Não é que ela estava em desuso, e sim a sua organização e a sua prática não agradava ao grupo que passa a organizar a Micareta e estes estavam apoiados pelo poder público, sendo o

prefeito o presidente da comissão. As fontes apontam para que uma migração pendular das filarmônicas, para Salvador no período do carnaval, sendo a “25 de Março” nos anos da década de 1920 promovia esse deslocamento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a pesquisa estar ainda em andamento, é possível chegar à algumas considerações. As festividades estão imbuídas de significados, logo a leitura dessa linguagem urbana possibilita pensar a cidade no seu tempo e em suas relações e conflitos. Os projetos de cidade civilizada do início do século estão também para as festas.

O carnaval em Feira de Santana não deve ser pensado enquanto singular e sim a partir de uma multiplicidade, ele é construído de diferentes formas por diferentes sujeitos. O significado que lhe é atribuído também funciona dessa forma; pode ser ao mesmo tempo trabalho e lazer. O interessante também é não criar modelos a serem transpostos para qualquer realidade. No Rio de Janeiro, o Entrudo é ressignificado para a ideia de Carnaval, como afirma Cunha²⁵ e no Rio Grande do Sul, segundo Lazzari²⁶ ainda no século XIX. Ao que tudo indica em Feira de Santana, o Entrudo ganha fôlego até meados do século XX.

Notas

¹ Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba. Mestranda. E-mail: miranicem@gmail.com.

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. Vol. 27. P. 10-23. Junho de 2007;

³ Idem.

⁴ SANTANA, Charles D' Almeida. *Linguagens Urbanas, Memórias da Cidade*. São Paulo-SP. Annablume, 2009.

⁵ GINZBURG, C. *Olhos de Madeira: Nove Reflexões sobre a Distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. Vol. 27. P. 10-23. Junho de 2007;

⁷ DARNTON, Robert. Um burguês organiza seu mundo: a cidade como um texto. In: *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural da França*. 4ª Ed. São Paulo. Graal, 1986.

⁸ DARNTON, Robert. O Grande massacre dos gatos. In: *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural da França*. 4ª Ed. São Paulo. Graal, 1986.

⁹ MATTA, Roberto Da. *Carnaval, Malandros e Heróis: para uma sociologia do carnaval brasileiro*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

¹⁰ Idem.

¹¹ DAVIS, Natalie Zemon. As mulheres por cima. In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. 2ª Ed. São Paulo. Paz e terra, 2001.

¹² 50 anos de Folia. *Panorama da Bahia*. 1987 p. 13.

¹³ Idem.

¹⁴ SANTANA, Charles D' Almeida. *Linguagens Urbanas, Memórias da Cidade*. São Paulo-SP. Annablume, 2009.

-
- ¹⁵ PEREIRA, Cristiana S. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em do século XIX. In: *Carnavais e outras frestas: Ensaaios de História Social da Cultura*. Campinas-SP, Editora da UNICAMP: 2002 p. 317.
- ¹⁶ FOLHA DO NORTE, 29 de janeiro de 1910, ANO II. p.1.
- ¹⁷ FOLHA DO NORTE, fevereiro de 1923, ANO XV, p.1.
- ¹⁸ DAVIS, Natalie Zemon. As mulheres por cima. In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. 2ª Ed. São Paulo. Paz e terra, 2001.
- ¹⁹ Idem.
- ²⁰ FOLHA DO NORTE, 29 de janeiro de 1910, ANO II p.1.
- ²¹ FOLHA DO NORTE. 17 de fevereiro de 1917, ANO IX. p. 1.
- ²² ALENCAR, Hélder. *31 anos de Micareta*. Feira de Santana-Ba UEFS, 1968.
- ²³ Documentação do acervo Casa do Sertão, pasta Micareta de Feira, p.7.
- ²⁴ FOLHA DO NORTE. 25 de fevereiro de 1939, ANO XXX, p. 1.
- ²⁵ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da Folia: uma história social do carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.
- ²⁶ LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Cecult, 2001.